



Gustavo Barroso  
Acervo ABL

## O cachorro\*

GUSTAVO BARROSO

Terceiro  
Ocupante da  
Cadeira 19  
na Academia  
Brasileira de  
Letras.

### I

Quanta particularidade interessante na vida áspera e rude dos sertões do Norte é descurada por completo pelos que se têm ocupado em descrever costumes sertanejos – particularidades dignas de reparo e descrição, pois, como doutrina Schopenhauer, é tarefa do escritor tornar interessantes as coisas pequenas! E já que Gautier e Zola dedicaram páginas lindas às sedosas gatas de sua estimação, não será descabido que eu dedique este capítulo à humilde figura do cão sertanejo, merecedor disto, não só pelos serviços que presta como por sua vida cheia de sofrimentos.

Os cães sertanejos não têm origem certa nem raça determinada. São a resultante de uma mistura étnica elaborada pelas condições de vida através do tempo, que se não pode explicar. São de todos os tipos e tamanhos, cores, malhas e feitios, pelos sedosos ou arrepiados, focinhos curtos ou longos, orelhas caídas ou de pé. Múltiplas e várias são, também, suas aptidões. Uns são exímios farejadores, persegui-

---

\* Do livro *Terra de Sol*.

dores incansáveis das raposas, dos feros e astutos *canis brasiliensis* e *vellutus*; outros, guardas fiéis da casa e do chiqueiro, ajudam a pegar o gado e defendem o cercado das galinhas dos assaltos noturnos da raposa, do guaxinim e do gambá. O matuto designa de um modo especial a aptidão dos cães, “cachorro *bom* de gado, *bom* de caça, *bom* de raposa”.

Na generalidade, os cachorros do sertão são pequenos, ossos à mostra, fulvos, arreplados, gafeirentos, selvagens e valentes. O seu olhar glauco, melancólico e doce segue ansiosamente todos os gestos de uma pessoa: estão sempre sob o temor de uma pancada, de um mau trato. As suas pituitárias finíssimas sentem o guaxinim ao longe; os seus ouvidos atilados percebem o estalar distante de um graveto sob a pata forte do gado, no sombrio recesso das catingas. São caçadores e pegadores de gado. Ninguém nunca os educou; jamais os ensinaram: fizeram-se por si na selvaticidade dos matagais espessos, no descampado das várzeas solitárias e tristes.

Quando o inverno enche de alegria e abundância a mansão sertaneja, devoram às goladas vorazes o soro dos potes de coalhada, às dentadas ferozes restos imprestáveis de uma rês abatida; lambem o último resquício de sangue no lugar onde esfolaram um boi; roem um osso, aproveitam rebutalhos da mesa, migalhas de pirão. Engordam um pouquinho. Ainda assim, não fartam as exigências da nutrição. As sobras do sertanejo são parcas, mal bastam às galinhas e ao “capado” do chiqueiro.

Na grande miséria da estação seca, morrem à fome. O que o dono tem em casa é pouquíssimo, mal lhe basta; nada lhes pode dar. Então, famintamente, lutam pela vida nas várzeas, nas selvas, nos serrotes.

Os lagartos, o tejubu e o tejuçu, gostam de se aquecer ao sol de meio-dia, deitados nos folhiços. Eles sabem de seus lugares prediletos; espreitam-nos dias a fio. Pilham-nos, geralmente, após carreiras furibundas através dos matagais crestados. Feridos nos espinhos, chicoteados pelo rabo flexível do animal, armado de uma serrilha cortante de puas finíssimas, ferram-lhe os dentes à gorja; rasgam-lhe raivosamente o couro escamento, esverdeado, duro; despedaçam-no. Nesse dia feliz, almoçam ou jantam.

Onde quer que farejem raposas, perseguem-nas com fúria. Matam-nas; mas por maior que lhes ande a fome não as comem. Eliminam aquele concorrente de caçadas, esfaimado sempre e sempre astucioso. É a imperiosa necessidade da concorrência vital.

Caçam todos os animais que podem. Nada lhes escapa: nem a tejubina verde, fugidia e esquivada, nem a maritaca<sup>1</sup> fedorenta. Tudo lhes serve. Seguem os dois brocardos matutos: “O que não mata engorda”; “Triste do bicho que outro engole!”

Dormem ao relento no terreiro dos casais, uivando ao longínquo pisar de um animal suspeito, ladrando ao vulto veloz de um cavaleiro que atravessa a noite. Chovendo, encolhem-se a tiritar na alpendrada, ganindo baixinho, com frio. Nas noites de luar, contam suas queixas ao rosto branco do astro poético; ademais, esta mania é peculiar a todos os cães. Castro Alves conta vinte cães vadios ladrando à densa garoa que envolvia a lua, e Von Zedlitz diz na *Revista Noturna*:

À meia-noite, quando todos dormem  
E ladra à lua o solitário cão...

Varejam léguas e léguas de mato denso, alta noite, em busca de um capricho amoroso. E, quando recebidos hostilmente por companheiros zelosos e egoístas, dão combate. Enovelam-se aos ladrados e uivos pelo chão, rangendo os caninos, esfiapando carnes a porejar sangue, lembrando aquelas brigas noturnas dos cães de Constantinopla, narradas por D’Amicis.

São salteadores. Têm desonestidades desavergonhadas. Roubam o conteúdo de um alguidar descuidosamente esquecido no jirau de uma cozinha, um pedaço de tripa a secar de uma vara exposta ao sol. Furtam o bolão de sebo que o vaqueiro deixou enganchado aos mourões da porteira, após ter curado as pisadas dos jumentos de carga, esfregando-o com força, aquecido, a derreter-se. E – o que é

---

<sup>1</sup> Jaguaritaca ou Jacaréaguá dos Índios – (*Mephitis Suffocans*).

inacreditável – comem as alpercatas de couro que o matuto deixou sobre um banco, devoram um cabresto de relho pendurado de um cambito<sup>2</sup> mais baixo que puderam alcançar, roem um loro de sela, uma aba de carona<sup>3</sup>. Embora não possam os dentes romper a dureza do couro, ficam horas esquecidas a mastigá-lo, enganando a fome. Ela justifica tudo: os mareantes lusitanos, quando a bolacha faltava e os gajeiros não avistavam o vulto longínquo e esbatido da terra desejada a sujar o recuado contorno do horizonte, comiam as solas dos sapatos e as guarnições de couro das vergas. Na velha xácara da “Nau Catarineta”, talvez influenciada pelas sagas rúnicas dos navegadores escandinavos, se lê:

Puseram sola de molho  
P’ra o outro dia jantar...

Um dia, conversava com o dono de uma fazendola, bebericando café à sombra do alpendre, olhando em torno o sertão seco, desfolhado e triste. Surpreendeu-nos uma gritaria de meninos à solta. O sertanejo chamou os filhos. Apareceram suados, afogueados, vermelhos do sol, chicotes, cacetes e pedras em punho. Eram uns cinco. O mais velho explicou ao pai o que acontecera: “Foi, papai, aquele cachorro branco do Joaquim Teodoro que ia carregando as suas alpragatas<sup>4</sup> da beira do forno, lá na casa de farinha.”

De outra vez ia eu de viagem. Ao passar num lugarejo chamado Feijão, pela frente de uma taverna, vi diversas pessoas correrem aos gritos, empós um cachorro que levava à boca um cabresto de relho. Roubara-o de uns comboeiros ali arranchados e ia manducá-lo pelos matos.

O cão sertanejo desconhece o agrado. Nunca lhe fizeram uma carícia. Põem-no fora de casa para que não furete alguma coisa e não encha os quartos de pulgas. Ademais, ele tem originalidades: gosta de se enroscar dentro dos

---

<sup>2</sup> Cabide tosco.

<sup>3</sup> Carona, no Norte, uma capa de couro com bolsos, onde se guardam mudas de roupa e objetos de viagem e que se põe por cima da sela.

<sup>4</sup> Alpercatas.

caçuás<sup>5</sup>, de repimpar-se sobre os montões de arreios e mantas, de dormir confortavelmente alojado nas liteiras de viagem. Tratam-no quase sempre às chicotadas e, quando o aborrecem, dizem que está “danado”<sup>6</sup>, dão-lhe infusões de ervas venenosas a beber ou matam-no às pauladas.

Precisando de seu auxílio, assobiam-lhe: e ele vai, muito alegre, satisfeito, balançando a cauda. Jamais se nega; nunca se recusa. Vai à caça e só lhe dão do produto ossos roídos e limpos que trinca com furor. Persegue os porcos da vizinhança, que se vêm chafurdar nas cacimbas do gado, toldando a água. Pega ao nariz os ásperos novilhos; mete boiadas no curral. Nada recebe em paga. Não se revolta. Não se furta sequer às tarefas. Seu olhar manso e veludoso só lampeja ao avistar os animais daninhos e trapaceiros.

É humilde, obediente, triste e desconfiado. Desconfiado é ao extremo. Sua vida quase selvagem, o descaso com que é tratado deram-lhe essa feição ao caráter.

Quando os sertanejos comem sentados ao chão, sobre rude couro de boi, segue a comida com a vista, desde que deixa o prato, atufando a toska colher de estanho, até se sumir nas mandíbulas; e todas as contrações da deglutição. Se um pouco de farinha se espalha pelo chão, lambe-o até arrancar o derradeiro carocinho. A mim, que muita vez comi, sentado em duro couro, um pouco de ovelha cozida com pirão, parecia ter o seu olhar a força dos raios X a varar-me os tecidos, acompanhando famintamente o descer do alimento pelo esôfago até o estômago... Ficava penalizado. Atirava-lhe um pouco. Devorava. Mais confiante, com os olhos tristes, lacrimosos, pedia mais. Adivinhava uma compaixão na minha generosidade; daí o pedido. Dava. Quase sempre, um sertanejo intervinha:

– Ora, seu moço, deixe esse preguiça. O mato tá cheio de bicho. Em vez de ir caçar, tá aqui acerando a janta!<sup>7</sup>.

E levantando o braço: “Vai-te embora, cachorro!”.

---

<sup>5</sup> Canastros grosseiros.

<sup>6</sup> Hidrófobo.

<sup>7</sup> Acerando a janta – Apreciando o jantar à espera de qualquer coisa.

Pensava, então, na fome que deveria curtir, no suplício tantálico de ver os donos comerem indiferentes, quando um passageiro sensível, generoso por não conhecer as agruras da vida, ali não comesse com os vaqueiros.

No entanto, faminto e fiel, ao menor aceno do dono estaria pronto a bater as estradas, o ventre pegado ao espinhaço, ajudando-o a conduzir as reses manhosas e a caçar pelos abruptos contrafortes das serras, lutando dentro dos folhiços, em lide brava com os maracajás<sup>8</sup> mal feridos e com os quatis<sup>9</sup> agonizantes.

Nunca me sairão da lembrança aqueles lebréus esqueléticos, sentados tristemente sobre as patas traseiras, “acerando a janta” ou vendo o vaqueiro esfolar uma rês, com aquele olhar fito e imoto a traduzir todo um mundo de cobiça, todas as angústias cruéis de uma grande fome, toda a sua paciente resignação!...

Muita vez, dois ou três desses desgraçados, varejando juntos as vastas catingas, acuam uma onça numa quebrada de monte. Se é uma maçaroca mofina, uma suçuarana medrosa, queda-se à espreita, olhos em fogo, no seu último refúgio. Mas, se é uma pintada ligeira, uma preta ferocíssima, um ou dois lá ficam a escabujar nas ervas, os intestinos de fora, a cabeça espatifada por uma taponna formidanda. Heroicidade de famintos! E o dono, juntando companheiros ao remoto uivar dos magros cães, lá se vai, de clavinote e terçado, matar a malvada sangradora dos cabritos transviados.

O próprio dono rouba-os. Um rapazelho indolente, morador à orla de uma floresta, contando-me suas misérias, falou-me assim:

– Graças a Deus, há dias em que eu passo bem! A minha cachorrinha vai à mata, pega um preá e vem comê-lo no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinho-o e como-o.

– E a cachorrinha?

– A cachorrinha rói os ossos ou vai atrás de outra coisa...

Todas as tardes passava a cavalo por uma linda várzea, encravada entre longos carnaubais sussurrantes. Junto à orla do mato, entre o junco alto e verde, havia a branca ossada de uma rês, que a inanição derrubara ali um ano antes. Uma feita,

---

<sup>8</sup> *Felis-Pardalis.*

<sup>9</sup> *Nasua Socialis.*

ao escurecer, avistei um animal agachado entre os ossos. Fugiu à minha aproximação. Perscrutei o carrascal; nada vi. Ao outro dia, mais cedo, voltei a pé, de espingarda, à espreita do tal bicharoco. Lá estava ele, agachado, a roer... Era um cachorro da vizinhança. Vinha enganar a fome, triturando nos dentes uma borda amolecida de tibia, uma cartilagem despregada pela chuva e o sol...

O cachorro é o maior competidor do caracará e do urubu. Abre luta com eles. Junta-se a outros e os enxota da carniça. Após as queimadas, procura os animais grelhados ao fogo, expulsando os gaviões e as acauãs às carreiras, latindo.

O sertanejo sabe de um apólogo, enquadrado no lúgubre cenário de uma varjota, onde um urubu farto descansa num galho e um cachorro famélico fareja um bezerro morto, coberto de moscardos.

O cachorro, humilde e bajulador:

– Boa tarde, seu doutô,  
Como vai a senhoria?  
Pela sua cortesia,  
Deixa-me roer um osso?

O urubu cheio de si pelo tratamento ilustre de doutor:

– Com licença do doutô,  
Pode comer sem sobrosso.<sup>10</sup>

O cachorro comeu, fartou-se; depois, mofando da prosápia do urubu:

– Foi coisa que eu nunca vi.  
Negro de chapéu de sol!  
Para que esse tição  
Se resguardando do sol!

---

<sup>10</sup> Sem susto.



Com dignidade e altivez rosnou-lhe o urubu:

– Vá embora, malcriado,  
Cabra sem educação!  
Bem entendido é o ditado:  
Cachorro não tem razão.

Bastas vezes vi enxotar e eu mesmo enxotei cachorros, da casa da fazenda, por empestarem o ambiente com o fedor da carniça. Numa fazenda onde estive, havia um cachorro grande, quase galgo, rajado – o Gigante. A um quilômetro de distância morava o Raimundo Coco, dono de um cavalo caduco e pio-lhento.

O cavalo morreu. O Coco atirou-lhe a carcaça num descampado, ao sol. O Gigante fartou-se da carniça. Por fim, os urubus limpavam a ossada e, no entanto, o cachorro saía de casa à tarde e voltava à noite fedendo horriavelmente. Enxotavam-no a pau. Não se podia atinar onde o Gigante comia carne podre. O cavalo acabara-se. Pela redondeza não havia bichos mortos, pois os urubus não avoejavam sobre os matos. Uma tarde, tive a pachorra de segui-lo disfarçadamente. Num cerrado de moitas, sob uns carcavões de mofumbo, ele tinha enterrado uma boa provisão de carniça... Muitos testemunhei desses fatos, exemplos de previdência do animal esfaimado. O cão sertanejo é dedicado e agradecido. Em 1907, estive meses numa fazenda, em pleno sertão. Andava-me a saúde malbaratada e qualquer coisa sensibilizava-me muito. Na casa aparecia um grande e bonito cachorro, vermelhão e esperto – o Leão. Era de um vizinho, um jornaleiro humilde; e como na fazenda houvesse certa abundância, se esquecessem “aparas”<sup>11</sup> de queijo pelo chão e se atirassem ossos e pelancas fora, preferia-a à casa do dono, vindo sorrateiro petiscar as sobras. Todos os de casa, sem razão plausível, por simples birra, metiam-lhe o cacete, esbordoavam-no. E ele humilde, sem um ranger rebelde de dentes, sem um

---

<sup>11</sup> Bordos que saem pelas fendas das prensas de queijo quando se apertam.

murchar colérico de orelhas, gania a encolher-se num mudo e doloroso protesto contra aquela tenaz e desarrazoada perseguição. Ele não fazia mal algum; era compassivo e leal; não mordia, não ladrava alto, não ia sacudir pulgas no interior da casa. Às vezes corria a uivar pelo pátio, e ia-lhe no encalço o fazendeiro ou o moleque da cozinha esbordoando-lhe o espinhaço encurvado de medo. Feriam-no até. Nessas ocasiões eu intervinha zangado, e era-me paga da repreensão passada no moleque um olhar de gratidão, demorado e doce. Ademais, eu sempre lhe minorava as humilhações dando-lhe comida, acariciando-o. O animal tinha-me grande dedicação. E, quando deixei a fazenda, acompanhou-me dez léguas ao sol ardente dos caminhos, sempre na mesma andadura do cavalo. Dormiu, satisfeito e plácido, sob minha rede, na pousada. Ao outro dia, tomei o trem na estação do Juá: e ele ficou na plataforma, a uivar de saudade, seguro de uma corda à mão robusta do cargueiro, para não embarafustar de vagão a dentro. É o caso de repetir os versos de Belmiro Braga:

Se entre os amigos encontrei cachorros,  
Entre os cachorros encontrei-te, amigo!

Um dia saí ao campo com o vaqueiro. O encourado<sup>12</sup> trotava na frente, firme na larga sela, rígido na sua roupa de couro; eu, mais atrás. Ao lado caminhava o cão de gado, grandes orelhas pendidas, calmamente.

A estrada tinha curvas bruscas, cotovelos imprevistos. Em um deles, o cão perdeu o amo de vista. Quando lá chegou, ele se havia metido por um dos dois caminhos que ali rompiam. Ficou um instante indeciso. Depois farejou um. Nada sentiu. Não farejou mais o outro. Meteu-se por ele resolutamente. Compreendera que, só havendo dois caminhos e o amo não tendo seguido por um, forçosamente seguira pelo outro.

Tive um cão elegante e astuto, cor de borra de vinho, manchado de branco, inimigo terrível de porcos e raposas. Ao menor aceno, ao mais pequeno gesto, fisgava qualquer animal. Chamava-se Vampa. Por uma tarde doce e quente de

---

<sup>12</sup> Encourado é quem anda com a roupa de couro, do mesmo modo que empanado é quem anda com a de pano.

maio, atravessava uma longa várzea. O Vampa ia comigo. Um grande porco ruivo fossava, espojando-se aos roncões no pé de uma cerca. Impensadamente açulei o cachorro: “Isca! Pega!”

O cão de um salto ferrou os dentes no sumo gordo e pesado. Os dois rolaram numa nuvem de pó. Físgado ao pescoço, o porco quase sem fôlego guinchava de dor. Foi quando me lembrei que estava fora das terras da fazenda e, temendo que o porco ficasse bastante maltratado, gritei ao cão que o largasse e viesse a mim. Mas o animal no ardor da luta não me atendeu. Peguei de uma vergôntea de cipó e dei-lhe umas quatro pancadas seguras e rijas. Humilhado e triste, soltou o “barrão” e acompanhou-me à casa, desconfiado, à distância. E desde esse dia nunca mais confiou em mim. Eu saía, chamava-o, e ele quedava no alpendre a olhar, a fazer festas com o rabo, porém nunca mais me acompanhou.

Têm nomes interessantes esses cães magricelas do sertão. Chamam-se Rompe-nuvem, Rompe-ferro, Negro, Gigante, Leão, Tigre, Pé-preto, Canivete, Cagalume. Outros têm nomes de “empuiar” a quem os pergunta: Teu-nome, Põe-pra-ti. Como se chama? Dois-contigo. Quando o dono leu a “Obra de Carlos Magno”<sup>13</sup>, o cachorro se chama Ferrabraz ou Roldão. Existem alguns com nomes de postos e empregos – ironia sertaneja: Delegado, Tenente, Governador, Capitão. Assemelhando-se a alguém, levam o nome dessa pessoa: Teotônio, João Socó.

Ao lado dos famintos e miseráveis, há felizardos caídos nas boas graças de meninos caprichosos, moradores em casas abastadas, mimos de donos compassivos. Esses são gorduchos e modorrentos. Existem, porém, na proporção de um para mil – o que não é nada agradável aos representantes da raça canina obrigados a viver na aridez dos sertões do Norte.

O sertanejo trata-o com descaso e não lhe dá quase alimento: é que a comida mal lhe basta; ele também sofre fome; os seus parcos restos têm de ser repartidos com as “criações”; pouco sobra para os cães. Ademais, tudo serve ao

---

<sup>13</sup> É um livro de fancaria que todo sertanejo conhece por ter lido, ou de referências. Traz, salvo engano, o seguinte título: *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França seguida das Aventuras de Bernardo del Carpio*.

sertanejo faminto; ele provê dificultosamente à sua subsistência; e como assim procede, acha que o cão também deve por completo prover à sua. A vida é muito difícil: cada qual cuide de si: quem enfraquece e cai é esmagado.

O sertanejo jamais chamou o cachorro de cão; chama-o sempre cachorro. Cão significa outra coisa: cão é o diabo.

Nunca rebusquei a origem dessa denominação; mas deverá provir, talvez, de uma velha lenda em que o demônio se apresenta transformado num cão, embora no sertão se não fale em algo a esse respeito e sempre se pinte o demônio vestido como homem, mas com pés de pato.

O que não resta dúvida é que o cão é o ente mais desgraçado de quantos habitam os sertões. E tão reconhecida é a sua miserabilidade que o próprio sertanejo, ao referir-se à vida de um indivíduo muito infeliz, rosna: “Aquilo é vida de cachorro pra baixo!”



Miguel Reale  
*Acervo ABL*

# Um parecer do Acadêmico Miguel Reale

MIGUEL REALE

Quarto ocupante  
da Cadeira 14  
na Academia  
Brasileira de  
Letras.

**O** ilustre presidente da Academia Brasileira de Letras, Alberto da Costa e Silva, indaga se há necessidade de se proceder a alguma alteração em nossos Estatutos e Regimento Interno para adequá-los ao novo Código.

De acordo com o art. 53 do novo Código Civil “constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos”. Denominam-se sociedades as reuniões organizadas para finalidades econômicas.

No que se refere às associações, foram introduzidas várias mudanças na legislação em vigor, sendo a mais importante a que determina que seus “administradores” sejam sempre eleitos pela assembleia geral.

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que a palavra “administradores” é empregada no sentido de “dirigentes”, qualquer que seja a expressão usada no estatuto social, como, por exemplo, diretores ou conselheiros. Não procede a crítica à referida terminologia, pois en-

tre as acepções do termo “administrar”, figuram, como ensina Aurélio Buarque de Holanda, as de “gerir, governar, dirigir”.

Como, de conformidade com o art. 2.031, das disposições finais e transitórias, têm as associações o prazo de I (um) ano, a partir da vigência da nova Lei Civil, para se adaptarem às disposições desta, é compreensível a preocupação do presidente.

A questão mais delicada se refere à eleição dos dirigentes pela assembleia geral, porquanto se configuram várias hipóteses à luz do estatuto social, devendo-se considerar, desde logo, proibida a eleição por outro órgão que não seja a assembleia geral, que, no caso da ABL, corresponde aos 40 (quarenta) membros efetivos que a compõem.

Isto posto, todavia, não procede o entendimento de que a escolha deva sempre ser feita de uma só vez e para a totalidade dos cargos a serem preenchidos, podendo ser prevista a eleição da Diretoria em dois momentos distintos, votando-se para cada cargo separadamente, em escrutínio secreto, tal como determinam o art. 12 do Regimento Interno e seus parágrafos.

Com tais medidas fica preservado o direito dos associados de decidir livremente sobre o processo de administração que julguem mais adequado aos interesses da entidade.

Como se vê, o entendimento que estou dando às determinações do novo Código Civil sobre associações é o que melhor atende ao exercício da “liberdade de associação” assegurada pelo inciso XVII do artigo 5.º da Constituição Federal, sem o seu prejudicial engessamento, resultante de restrita interpretação da lei, sem se atender ao valor essencial da liberdade.

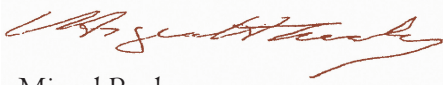
O ponto que tem merecido justas críticas é o parágrafo único do art. 59, na hipótese de alteração do estatuto e destituição dos administradores, exigindo-se para tanto o voto concorde de 2/3 (dois terços) dos presentes à assembleia especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos associados, ou com menos de 1/3 (um terço) nas convocações seguintes. É um exagero que deve ser corrigido mediante emenda supressiva do mencionado parágrafo, dada a existên-

cia de imensas associações. Praticamente, porém, esse dispositivo não cria problema para a ABL, pois o art. 10 de nosso Estatuto já exige maioria absoluta.

Como se vê, não há nada a alterar em nossos Estatutos ou no Regimento Interno para atender às disposições do novo Código Civil.

É o meu parecer, s.m.j.

São Paulo, 25 de março de 2003.



Miguel Reale  
(Cadeira I4)





**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS  
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

*As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.*

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Silvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	José Mindlin
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

*Petit Trianon* – Doado pelo governo francês em 1923.  
Sede da Academia Brasileira de Letras,  
Av. Presidente Wilson, 203  
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10,5/16 PT.

